

APRESENTAÇÃO

BRUXAS, LILITHS E FADAS: PERSONAGENS INSÓLITAS NA LITERATURA E EM OUTRAS ARTES (PARTES 1 E 2)

Witches, Liliths, and Fairies: Unusual Characters in Literature and Other Arts

DOI: 10.14393/LL63-v39-40-2024-67

Fernanda Aquino Sylvestre¹

Josilene Pinheiro-Mariz²

Kenia Maria de Almeida Pereira³

Shakespeare, em *Macbeth*, apresenta-nos a três enigmáticas feiticeiras, que, em meio a raios e trovões, proclamam que “o belo é feio e o feio é belo!”. De fato, o universo das bruxas, Liliths e fadas são marcados por ambiguidades e contradições. Jules Michelet, por exemplo, comenta que, durante mil anos, a bruxa foi “o único médico” que a população mais pobre poderia se socorrer. Ela receitava chás, unguentos, pomadas; fazia partos, benzia e consolava, com seus rituais mágicos, a tristeza dos amantes abandonados. No entanto, a Europa do Renascimento, em meio aos embates da Reforma e da Contrarreforma, bem como o aumento de pestes e secas, além das inúmeras revoltas camponesas, e o acirramento do discurso religioso e misógino de que as feiticeiras, ao adorarem Satã, em rituais do Sabá, provocavam a ira divina, transformaram rapidamente estas mulheres mágicas em bodes expiatórios.

¹ Professora da Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: 0000-0002-9387-1395. E-mail: fernandasyl(AT)uol.com.br

² Professora da Universidade Federal de Campina Grande. ORCID: 0000-0003-4879-579X. E-mail: jsmariz22(AT)hotmail.com.

³ Professora da Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: 0000-0002-2005-2049. E-mail: kenia(AT)triang.com.br

A população necessitava de encontrar culpados para os imensos desafios advindos destas transformações político-sociais. Assim, aquela mesma feiticeira, que antes socorria e ajudava os doentes e aflitos, começa a ser vista como parte de uma seita diabólica, capaz de evocar as forças da natureza. Acreditava-se que, ao manejar tais sortilégios, a bruxa conseguia matar o gado, secar as fontes, provocar tempestades e disseminar doenças. Como consequência de tais crenças e superstições, milhares de mulheres foram torturadas, presas, exiladas e queimadas em fogueiras das praças públicas. Aliás, o fenômeno de Caça às Bruxas, na Europa do Iluminismo, deixa até hoje perplexos os pesquisadores deste tema. Russel e Alexander comentam que tais maldades e terrores, executados principalmente pela Inquisição, podem ser “comparados aos crimes do nazifascismo e do stalinismo no século xx”.

A literatura e as artes dos séculos XVII, XVIII e XIX não ficaram indiferentes às essas perseguições. Neste período, poetas e artistas, ao representarem as bruxas, ora se rendem ao discurso misógino ora denunciam a barbárie. Assim, a feiticeira ganha máscaras disformes. Agora ela não é mais a sedutora Circe, ou a misteriosa Cassandra, nem mesmo a graciosa Medeia da antiguidade grega. Quando o tribunal da Inquisição castiga suas vítimas no mundo real, a literatura, por sua vez, começa a representar estas mulheres como uma Baba Yaga pavorosa e má. São descritas e desenhadas de forma caricatural, desmedida, com um longo nariz adunco com verrugas, unhas imensas e rosto encovado. Liliths pecadoras, fadas rabugentas e feiticeiras cruéis frequentam, tanto os contos de fadas, como os causos populares ou mesmo as narrativas canônicas, sendo também penalizadas na ficção com um final dramático. Lembremos, por exemplo, da icônica bruxa de *João e Maria*, dos irmãos Grimm. Ela é horrenda e infanticida. Merece, portanto, uma morte cruel e trágica: ser queimada em seu próprio forno à lenha. Já as pinturas de bruxas grotescas elaboradas por Goya, no século XVIII, podem ser interpretadas como uma crítica à vulnerabilidade destas mulheres idosas e pobres frente aos abusos do Santo Ofício e do fanatismo religioso do povo.

Na contemporaneidade, muito embora o feminicídio seja ainda uma ferida aberta no mundo Ocidental, apresentando requíscos medievais da caça às feiticeiras, como bem aponta Silvia Federici, em seu clássico, *Calibã e a Bruxa*, as personagens consideradas bruxas, no entanto, são ressignificadas pelo feminismo e ganham voz e protagonismo na literatura e no cinema. Estas bruxas consideradas loucas e histéricas gritam, transbordam e incomodam.

Reconfiguram a psicanálise que até hoje pergunta: afinal, O que desejam estas mulheres mágicas? Ora, a ficção dá o recado: precisamos ouvir Tituba, Isis Rossetti, Blimunda, Maria Padilha, Joana d'Arc. O cinema também reinventou a figura das feiticeiras, tingindo-as, algumas vezes, com as cores do humor e do deboche, como na narrativa fílmica *Abracadabra* (1993), em que o diretor subverte tanto a bruxaria como a imagem convencional das feiticeiras.

A rebeldia das magas marginalizadas, bem como seus saberes populares, que foram esmagados e silenciados por tanto séculos, voltam agora na atualidade de forma complexa e exuberante. Afinal, o mundo, com suas catástrofes climáticas e individualismos extremos, nunca precisou tanto dos conhecimentos holísticos, poéticos, contraditórios e revolucionários desta personagem insólita, também chamada de Lilith, fada ou bruxa. Afinal de contas, em se tratando de bruxaria, nunca podemos esquecer que “o belo é feio e o feio é belo!”.

O tema da bruxa nunca se esgota. Para esta edição da Revista Letras & Letras, recebemos dezenas de artigos. Ficamos surpresos com a quantidade de pesquisadores que se interessam pelas figuras das Liliths, fadas e feiticeiras na literatura e nas outras artes. É um assunto que desperta entusiasmos e polêmicas. O leitor, com certeza, também se sentirá seduzido pelas interessantes reflexões em torno destas admiráveis personagens.

Na primeira parte, temos 12 artigos em que se costuram ficção, resistência e memória nas interpretações em torno destas magas prestidigitadoras. O primeiro artigo, de Olegário Neto, analisa o interessante filme *Silenciadas*, enfocando a inquisição espanhola, no século XVII, ao enalço de seis jovens bascas. Já no segundo texto, das pesquisadoras Roseli Hirasike e Vera Bastazin, o leitor irá se deparar com interpretações do romance *Circe*, de Madeline Miller, enfocando principalmente o mito desta feiticeira grega, das origens ao contemporâneo. João Lucas Nogueira, no terceiro artigo, interpreta tradições judaicas e cabalistas, as quais se misturaram à cultura popular sertaneja no intrigante romance *A casa*, de Natércia Campos. Fabianna Carneiro, no artigo seguinte, nos remete à violência de gênero e ao terror psicológico ao analisar o conto macabro “Teia de aranha”, da argentina Mariana Enríquez. Já no quinto texto, de Lunara Calixto, o leitor irá se deparar com o mito provocador da lara, numa original aproximação entre Clarice Lispector e Moacyr Scliar.

No sexto artigo, Verônica Sayão interpreta, pelo olhar irônico de José Saramago, as figuras femininas que foram marginalizadas nas escrituras sagradas: Madalena, Eva e Lilith. No sétimo artigo, Kenia Pereira e Emanuelle Marçal analisam, apoiadas nos teóricos da Inquisição e das narrativas orais, o lúgubre conto “A feiticeira”, de Antônio Joaquim da Rosa, vulgo, Barão de Piratininga.

Isabela Rocha e Guilherme Furutani são os autores do oitavo texto em que eles elaboram uma análise da representação da mulher feia no cinema como bruxa má, no clássico filme *A convenção das bruxas*. No artigo subsequente, Geisa Mueller propõe uma reflexão sobre sociobiodiversidade e literatura, citando a potente poesia de Ní Chuilleanáin, a voz de Elza Soares, Medeia, a narrativa sobre as plantas, de Coccia e o saber de Mãe Stella de Òşósi. No décimo artigo, Paula Ramos reinterpreta, apoiada em teóricas do feminismo, como Virgínia Woolf e Rosi Braidotti, os poderosos mitos de Lilith e Medeia.

“Uma Fada Madrinha perversa: construção residual da outra mãe em *Coraline*, de Neil Gaiman”, é o título do décimo primeiro artigo, em que Jandir Santos e Cássia Nascimento levantam o interessante debate de que a “imagem da bruxa se manifesta na literatura enquanto estratégia de perpetuação de mentalidades patriarcais, compreensíveis apenas à luz de uma leitura crítica”. Já no artigo que encerra a primeira parte, Danielly Vieira revisita, pela mão de Octavia E. Butler, o mito de Lilith, em seu perpétuo trânsito e exílio.

Na segunda parte, temos 15 artigos, os quais entrelaçam literatura, história e memória ao enfocarem o mito da bruxa tanto na literatura como no cinema, em meio à perseguições, sagas e silêncios. O primeiro artigo, de Lina Gorenstein, baseada em um, sólido diálogo com teóricos da Inquisição, reflete sobre as feiticeiras e cristãs-novas que foram alvo da perseguição inquisitorial no Brasil colônia. Já o segundo texto, elaborado por Lucas Borba, enfoca a imagem de Lilith no interessante conto “Marcas na parede”, de Virgínia Woolf, tendo por suporte teórico o pensamento de Martha Robles. O terceiro artigo, do pesquisador Rodrigo Faqueri, analisa a “figuração do horror com base na representação da figura feminina no folclore asiático, a partir da lenda de Pontianak, a mulher-vampiro, tendo como objeto de estudo o episódio “Nobody” da série de terror Folklore, produzida pela HBO Max em 2018”.

Ana Cristina Steffen, no artigo seguinte, discute a reescrita da história não contada das mulheres, por meio do romance histórico “Margarida La Rocque: a Ilha dos demônios”, de

Dinah Silveira de Queiroz. Já o quinto artigo, elaborado pelos pesquisadores Marisa Martins Gama-Khalil, Léa Evangelista Persicano e Francisco de Assis Ferreira Melo, desenvolvem uma bem fundamentada discussão em torno tanto da perseguição à bruxaria como da importância dos objetos mágicos na construção do livro *A escolhida*, de Lois Lowry. O sexto artigo intitulado “Dos contos de fadas ao direito: a peça radiofônica *Processos contra as bruxas*, de Walter Benjamin”, de autoria da pesquisadora Lília Maria Guimarães, apresenta aos leitores uma face pouco conhecida do pensamento benjaminiano: textos voltados para o público infantil.

Dolores Puga e Rafaela Teixeira elaboram, no sétimo artigo, uma bem fundamentada análise do mito da feiticeira Circe, das origens ao filme italiano *Ulysses*, de Mario Camerini, Já no oitavo artigo, Rosane Cardoso constrói uma singular análise sobre as bruxas dos contos de fadas, observando principalmente “a relação entre as protagonistas e as mães que lhes foram impostas”. Sheila Dálvio, no nono artigo, dialogando com os teóricos que abordam o grotesco, faz uma original interpretação da Bruxa-velha, no poema “Sortilégio”, de Cecília Meireles. Já o décimo artigo, de autoria de Cleide Rapucci, investiga, com base no revisionismo feminista, a representação da figura da bruxa na obra de Angela Carter, detendo-se especificamente nos contos “Vasilissa, a formosa”, “O lobisomem” e “A companhia dos lobos”.

No artigo subsequente, Edson Sousa Soares interpreta, apoiado nos estudos de Marta Robles, a vigorosa figura de Lilith, que se materializa ora nos contos de Borges ora nos contos de Primo Levi. Bruna Bittencourt, no décimo segundo artigo, interpreta a intrigante narrativa fílmica *Alma Viva*, da diretora luso-francesa Cristèle Alves Meira, enfocando principalmente os elementos sagrados e profanos e a temática do luto. Rodrigo dos Santos Sbardelini, no artigo seguinte, analisa a premiada obra “Porém Bruxa” de Carol Chiovatto, sob uma perspectiva interdisciplinar que combina teoria literária, crítica textual e estudos culturais. Ivan Marcos Ribeiro e Marcelo Cizurre Guirau, no penúltimo texto, exploraram, além da écfrase, também as diversas ambiguidades do belo poema “La Belle Dame sans Merci”, de John Keats. No artigo final, Cynthia Beatrice Costa e Fernanda Aquino Sylvestre, com base no feminismo mágico, refletem, de forma original, sobre as protagonistas adolescentes dos longas-metragens *A bruxa*, de Robert Eggers, e *Maria e João de Oz* Perkins.

Assim, diante desta apresentação e dos comentários, desejamos a todos e todas, boas leituras e muitas reflexões durante este voo mágico com as bruxas!

Recebido em: 10.12.2024

Aprovado em: 31.12.2024